

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO
 PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réi
Seis mezes	8600 »
Para o Brazil, por anno.	2\$000 »
Para a Africa, por anno.	1\$200 »
Numero avulso.	30 »

Annunciam se as ooras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
 Administração—RUA DA AGUA
 FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réi
Repetições	20 »
Imposto do sello.	10 »

Originas sejam ou não publicados não se restituem
 Annuncios permanentes e communicados
 preço convencido.

A VIAGEM DE EL-REI

A viagem de el-rei D. Manuel e a sua visita ás côrtes de Hespanha e Inglaterra estão sendo seguidas com o interesse que se liga sempre a acontecimentos que, pela sua natureza, sabem da orbita vulgar.

Diz-se que da viagem de S. M. resultarão para o nosso paiz vantagens politicas que, para uma nação pequena como a nossa, não serão para desprezar. Uma d'essas vantagens é tornar mais estreitas e mais cordeaes as nossas relações com a Hespanha e com a Inglaterra, nações a que nos achamos ligados por laços antigos de boa amizade com as quaes mantemos a melhor convivencia.

Certamente que ninguem deixará de estimar que o chefe de Estado adquira as mais sinceras sympathias nas suas visitas, sympathias que reverterão tambem para o paiz que representa. Como bons portuguezes, despidos de preconceitos e de paixões partidarias ou politicas, se ha votos a fazer é que el-rei regresse satisfeito, trazendo da sua viagem as melhores impressões, pois acontecendo assim, ha de forçosamente ganhar Portugal em consideração, falicitando-lhe negociações que muito pôdem servir para o seu desenvolvimento material.

Como não se ignora, ha tratados de commercio em negociação e esses tratados, para que se tornem vantajosos, necessitam de uma atmospheria de sympathia, sem a qual os negociadores não se desviam um só ápice de certas intransigencias. Bem sabemos que são cousas pequenas, mas são essas mesmas que ás vezes mais influem nos resultados finais de uma negociação.

Dá-se aqui o que succede com as recepções mais faustosas e brilhantes. Pôdem as recepções revestir a maior scin-

tillancia e não serem sinceras e n'esse caso não passam de um acto banal que jamais influirá na vida dos povos.

Quando o czar de todas as Russias visitou ultimamente o rei Victor Manuel em Baccanigi, o fausto da recepção desapareceu perante a significação da auctoridade de dous soberanos que, pela grandeza dos seus paizes, influem mais ou menos na marcha da politica internacional. A politica enropeia tinha os olhos postos, não na recepção, mas nos resultados que a entrevista poderia vir a ter, fazendo-se apreciações e comentarios diversos, para todos os paladares. A entrevista de dous soberanos, representantes de nações poderosas, dá sempre lugar a considerações de todo o genero.

Com certeza que não succederá isso com o rei de Portugal, vista a sua viagem atravez do prisma da politica internacional; em todo o caso para nós, embora pequenos, não deixa de ter certa importancia, como já tiveram as visitas de el-rei D. Carlos, quando o desditoso monarcha, seguindo uma politica verdadeiramente patriotica, extreitava de um modo extraordinario a nossa alliança com a Inglaterra, e as relações de amizade com a Hespanha, França e Allemanha.

Ainda hoje se lamenta e muito justificadamente que se mallograsse o seu patriotico intento de visitar o Brazil, quando a grande republica da America do Sul festejava um dos acontecimentos mais gloriosos da sua historia. Intento mallogrado pelas balas de dous assassinos, a quem a Historia jamais desculpará por muito benevola que queira ser.

Deixemos, porém, estas melancolicas recordações de um triste periodo da nossa historia contemporanea e façamos unicamente votos porque a viagem de el-rei D. Manuel seja em tudo fructusa para o nosso paiz, dissipando lá fóra com a sua presença qualquer sombra

que ainda possa existir da má politica, que tanto nos tem prejudicado e tantas animadversões creou.

III CRÓNICA DE LISBOA

Continuada do número anterior

O outôno na capital.

26 d'outubro de 1909.

A dentro de Lisboa nada d'isto temos, nem do muito que só a vida rustica pode mostrar-nos, a não ser n'algumas paginas esmeradamente escritas ou n'algumas télas primorosamente delineadas, ou ainda n'alguma fita d'animatografo que surprehendesse as cénas da esplendida existencia que transcórre pelos campos, em meio da natureza, fecunda e uberrima.

Os delectosos e amenissimos arredôres da capital facultam, no entanto, ampla nutrição espiritual aos que amam as belezas, luminosas e frescas, do campo, com as suas arvores frondosas, os seus prados verdejantes, as suas aguas soluçando, com a sua feição inalienavel que é difficilimo estereotipar vigorosamente, correctamente, a menos que se tenha a firmeza d'observação que notabilisa os consagrados pintôres da Natureza.

Era, sobretudo, agora que os lisboetas, mais propensos a devaneios e mais dados á contemplação, deveriam ir por esses arredôres num saboroso passeio, porque, alem de regalarem os olhos com o lindo aspecto da paisagem outonal, onde já vicijam castas violetas, não teriam, a incomodá-los, a impertinencia do sol, nem as vergastadas da chuva teimosa ou do vento desabrido que, a breve espaço, o inverno ha-de mandar-nos.

Raros são, porem, os que, por justamente apreciarem o suavissimo colorido das paisagens outoniaes, se entregam a tao deliciosas excursões: o maior numero, privado, a bem dizer, dá verdadeira sensibilidade espiritual, prefere gastar o tempo, dias quase inteiros, passeando pelas ruas da Baixa e do Chiado, poucas vezes se encontra na longa e magestosa Avenida da Liberdade, pouquissimas nas silenciosas alamedas do Campo Grande.

Ocioso seria indicar quantos apreciaveis trechos, quantos maravilhosos quadros os suburbios oferecem a quem, por estes megalaveis dias, fugir do estonteante ruido da cidade, e fôr, pelas linhas de Cascaes e Sintra, ou atravessar as mansas aguas do formosissimo Tejo, em cata das

paradisiacas estancias que, por lá, se encontram, alumiadas e tepidamente aquecidas pelo nosso divino sol que, só no outôno, fúlge assim, com tal encanto, com tanta doçura, com tamanha suggestão, consolando as almas, a despeito mesmo da communicativa tristeza que emérge das manhãs cristalinas e das tardes impregnadas d'infinito sentimentalismo.

Grande parte dos lisboetas, embóra saiba, e muito bem, onde, suavemente, poderia passar gratissimas horas, antes quer encerrar se dentro da cidade, vendo sempre os mesmos aspectos, ouvindo, todos os dias, o mesmo sussurro enfadonho, intoxicando o sangue e, ás vezes, corrompendo o espirito n'este ambiente que, moralmente, não é dos mais saos.

E' de vêr que não me refiro áquelles cujos estreitos recursos pecuniarios ou quefazeres d'oficio não permitem o duplo e salutar beneficio, mas, sim, aos que dispendem mãos cheias de dinheiro em dilerões caras, pelos centros mundanos da cidade.

E' para registar, e profundamente lamentavel ésta evidente falta de gôsto, éste embotamento de facultades que leva muitos lisboetas a trocárem a amplitude, franca e acolhedôra, das avenidas, a tranquillidade dos jardins e dos parques, pelo raizoso movimento das ruas da Baixa e do Chiado, por onde, a certas horas, passam, e repassam as mesmas figuras, olhondo, pesquisando, comentando, n'uma irritante frivolidade que chega a ter laivos d'estupidês.

Os passeios que ladêam as ruas da Baixa são, incontestavelmente, demasiado estreitos para a multidão que os pisa, de sorte que muitas vezes, quase sempre, se torna difficil estugar o passo e romper por entre grupos que passêam alinhados, ou se encostam, ociosamente, ás esquinas onde, mais á ventade, podem assistir ao desenrolar d'esta interminavel fita animatografica que, á força de ser vista dia a dia, não oferece já sombras de novidade.

Reparando em quantos passam, espreitando, certas occasiões com censuravel atrevimento e notavel carencia d'urbanidade, ás lindas mulheres de olhos aveludados e corpos esculpturais que arrastam sé las barulhentas, ou se recostam, languidamente, nas fôfas almofadas de carros luxuosos, vêem-se, por ali, fétuos e ridiculos, os árbitros da moda, muito apurados nos seus fatos que experimentada tesoura cortou; e, depois de tudo observarem, remiram-se a êles proprios desde as lavas de côres esquisitas e do castão exotico da bengala ainda mais exotica até ao

Ex.ª Redacção «Leiria Illustrada» LEIRIA



vinco das calças e ao vernis lusente das botas.

Ao delinear a reconstrução da cidade que uma violenta convulsão terraquea derruira, em 1755, o marquês não previu, certamente, o extraordinario numero de pees e veículos que haviam de percorrer as principaes ruas de Lisboa, porque, se o calculára, mandá-las-ia rasgar mais largas, com passeios espaçosos, por onde se pudesse caminhar sem os embaraços que, agora, se tóçam, sobretudo por causa dos que, habitual e quotidianamente, açambarcam os pontos de melhores condições *estrategicas*, impedindo ou, pelo menos, dificultando muito o transito de quem, por necessidade, têm de passar por lá.

Ainda bem que, nas arterias que alargam a cidade, por éssas avenidas que, dia a dia, se abrem, amplas e arejadas, se procura obviar a éssa contingencia, ampliando ruas e passeios.

Voltêmos, porém, ao rumo de que nos afastavamos, e não tornemos fatigante a crónica de hoje.

O outono declina tristemente, melancolicamente, mas n'uma tristeza e n'uma melancolia que, longe de opprimir o espirito, como que o almetam, e suavizam, tornando mais atilada a intelligencia, mais intensa a saudade, mais duradouro o afeito, mais puros os sentimentos, ao mesmo tempo que desperta tambem, e robustece as energias fisicas.

O meigo Sol, que ainda acarinha a capital, ha-de—não tarda muito—ser empanado por escuras nuvens, pejalas por copiosos aguaceiros, feitos de neve, quando o inverno entrar de importunar-nos.

Então, assumirá Lisboa outro aspecto de que, oportunamente, falaremos, bastando, por agóra, registar, com saudade, a suprema beleza, a suavidade impressionante, a inefavel doçura d'estes dias cuja luz, cuja atmosfera exerce incontestavel influencia sobre a existencia individual como sobre a vida coletiva da capital.

José Craveiro da Cruz.

FOLHETIM

A DESFORRA

I

Assim como o macaco que, a travez das grades da jaula, agarra a noz ou a aveia que lhe apresenta o visitante, do mesmo modo o empregado do telegrapho se apoderou brusca-mente do telegramma que lhe apresentava um individuo de feições regulares, nem novo nem velho de aspecto bouacheirão e pacifico.

—Isto não está bem!—exclamou com modos asperos o empregado do telegrapho.

E passou o telegramma a quem lho entregava.

—Não está bem!... Falta-lhe alguma coisa?

—Sim, senhor, falta!—declarou o telegraphista com ar de enfadado.

—Se me fizesse o obsequio de dizer o que é...—murmurou humildemente o interlocutor do telegraphista.

Este ultimo tomou certa expressão auctoritaria e, com ares de tigre prestes a lançar se sobre a preza, bramiu:

—O senhor julga que estou aqui para ensinar ignorantes? Se não sabe redigir um telegramma, aprenda e depois appareça.

—Realmente, senhor, tenho pena de se importuno, mas é de tanta ur-

NOTICIARIO

Ainda se conserva em Coimbra, em casa de sua tia, a Sr.^a D. Potenciana Pimentel Favas, a Sr.^a D. Sophia Perdigão, intelligente filha do nosso velho amigo, Sr. Manuel Rodrigues Perdigão, capitalista d'este concelho.

Falleceu no dia 8 do corrente, em resultado d'um ataque apopleptico, a Sr.^a Francisca da Conceição Cunha, mãe do nosso assignante e amigo, Sr. João Pedro Godinho, a quem esta redacção apresenta pezames.

Tambem falleceu no mesmo dia, na idade de 84 annos, o Sr. Manuel da Silva, mais conhecido por Manuel do Gado, residente no Cabreiro.

Era homem conhecido de toda a gente e foi sempre tido como homem honrado.

Paz á sua alma.

Tem obtido alguns allivios nos seus ultimos incommodos, o nosso querido amigo, Sr. Dr. João Lopes da Costa Rego, da Quinta de Cima, de Chão de Couce.

Receba o nosso illustre amigo as nossas sinceras felicitações.

Vimos esta semana n'esta Villa o nosso presado assignante e amigo, o Rev. Manuel dos Reis de Mattos, digno Vigario da freguezia de Campello d'este concelho.

SUPERPHOSPHATO

12 % AGUA

PARA ENTREGA IMMEDIATA

tem

O. HEROLD & C.^a

LISBOA

14—Rua da Prata

PORTO

25—Rua da Nova Alfandega

gencia o telegraphista—Então o senhor não sabe trazer dinheiro trocado?

—Perdão, é que eu...

—Não ha perdão nem meio perdão. Se não traz dinheiro trocado é ir arranjal-o.

E o funcionario de telegrapho poz o telegramma de lado sem proferir mais palavra, mas indicando bem pelo seu silencio e pela sua attitude que todas as reflexões seriam inuteis para o demover da sua inflexibilidade.

Não havia outro remedio; Emilio Augusto teve de sabir do telegrapho, indo trocar o dinheiro em uma mercaria vizinha.

Seguidamente voltou a entrar e entregou os seiscientos e quarenta reis ao telegraphista que murmurou ou antes resmungou ao receber o dinheiro:

—Que tempo precioso se gasta com um telegramma tão insignificante!

—Tambem digo o mesmo, meu caro senhor.

—Tambem diz o mesmo!—bramiu o telegraphista—Alguem lhe pergunta pela sua opinião? Sempre ha cada atrevido por este mundo de Christo!

—Bem sei que a minha opinião de nada vale; em todo o caso parece-me que lucrava mais em aproveitar o correio e deixar o telegrapho em socego.

—Com certeza que aproveitava. Pelo menos só gastava vinte e cinco

reis e não seiscientos e quarenta. A diferença não é para desprezar.

—Bem, ponhamos de parte essa questão, O que eu queria é que me expedisse o telegraphista o mais depressa possivel.

—Ha de ser expedido quando lhe chegar a vez. Aqui não é nenhuma fonte publica e mesmo n'uma fonte não é chegar e andar logo!

E o azedo telegraphista levantou-se da cadeira em que estava sentado e voltou as costas, como quem está disposto a dar por finda a questão.

Emilio Augusto assim o comprehendeu, pegando no chapéu, pondo-o na cabeça e retirando.

O telegraphista, mal ficou só, resmungou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

—Que vida a minha! Por mais santo que um homem queira ser não é possivel. E' isto que se vê; estudar burros com figura de gente desde pela manhã até á noite!

E depois de uma pequena pausa areescentou:

TEUS ANNOS

Em verso rude canto Celina
Este teu dia cheio d'encanto;
Já que não posso, em peregrina
Phrase, elevar-te n'um terno canto
Com verso rude canto Celina
Tua alvorada, cheia d'encanto.

Não tendo virgem, phrase chorada
Não possuindo, mago condão;
Sendo meus versos, luz apagada,
Phrases sem alma, sem expressão,
Como cantar, em phrase elevada
Teu dia dannos, sem ter condão?!

Neste teu dia, uma saudade,
Só tenho virgem p'ra te mandar;
Vivendo longe, na soledade,
Mais nada Lina posso enviar.
Deponho virgem, uma saudade,
Nestes meus versos, no meu cantar.

Nesta hora bella, todos burilam
Seus versos, Lina, muito em segredo,
Os passarinhos, meigos, pipilam
Por entre os ramos, do arvoredado,
Para saudar-te, todos burilam
Ternas cantigas, muito em segredo.

Embora rudes, gentil creança,
Estes meus versos sinceros sam;
Nelles adeja, grata esperança,
Porque sam filhos do coração.
Estes meus versos gentil creança
Embora rudes, sinceros sam.

Martyrio.

Abstracções

A injuria sem lugar
Jamais se pode olvidar.

Para agradares a Antonio
Não detraias de Apolonio.

Na mentira repetida
Geme a verdade escarnida.

Quem é mau recebedor
Não será bom pagador.

O mentiroso imponente
Chega a pensar que não mente.

Se queres a senitude
Poupa-te n' a juventude.

A crença no Deus do bem
Aos proprios atheus convem.

Nas aras fanatismo
Ruge o fero despotismo.

E' justo duvidar—e duvidar sempre—das palavras d'aquelles que, por indole ou má fé, costumam torcer o sentido ás dos outros, procurando assim deturpar, illudir ou negar a verdade, sempre que esta lhes amarga ou não convem.

A. d'Almeida.

Magnificas batatas

Quem pretender comprar alguns centos d'arcebas de boa batata, dirija-se a esta redacção, onde será indicado o vendedor.

As machas

Reuniram-se, e foi d'arromba,—diz «O Povo d'Aveiro»—como sempre succede ás damas quando perdem... as estribeiras.

Assim, a senhora D. Maria Velleda desatou aos vivas a Ferrer, sendo, diz o *Cornetim da Margarida*, immensamente correspondida.

Até teve echo na Moiraria, que fica perto do Largo do Intendente. Suas excellencias reuniram-se no Centro *Antonio José d'Almeida*, que tem má sorte, coitado.

A senhora D. Anna de Castro Ozorio, segundo lêmos no *Portugal*,

disse, supomos que respondendo a D. Velleda:

«A geração que ali está, diz V. Exa. muito bem, é de bandalhos educados pelo jezuitismo que pontificou em Campolide, invadiu o Collegio Militar, influenciou todas as outras escolas e lyceus.

O *Portugal* dá sorte e tem razão. Promette para a outra vez perder o respeito á senhora D. Anna. Não perca. Não lhe cite o nome, que é a maior pirraça que lhe pode fazer. A senhora D. Anna de Castro Ozorio, sem réclame, é como o peixe fóra d'agua. Asphyxia!

De resto o *Portugal* tem razão. Dizer-se que foi o jezuitismo quem educou o Cunha e Costa, o Arthur Leitão, o Margarido, o Trinta, o Maduro, o Espanta Mortos, o Petiz dos Cordões, o Ribas d'Avellar, o Pádua Correia, o Henrique Cardozo, o Affonso Costa, o Deronet, etc. etc., é forte. Realmente é forte. Mas por outro lado, seria cazo para perguntar á senhora D. Anna:

«Então se o jezuitismo educou essa geração de bandalhos que para ali está, de que se queixa V. Exa. e de que se queixa o partido republicano? Então o jezuitismo forneceu á republica todos os seus chefes, sem excepção d'um só, e a quaze unanimidade dos seus magnates, e o partido republicano e V. Exa. anda a gritar contra o jezuitismo?»

A senhora D. Anna a dizer coizas d'estas, e a senhora D. Velleda a dar vivas a Ferrer depois de morto, francamente, nem acreditam o bello sexo nem a republica.

—E' uma belleza a fallar este *Povo d'Aveiro!* Mas, sobretudo, aquella entrada: «*As machas* reuniram-se, e foi d'arromba, como sempre succede ás damas quando perdem as estribeiras», essa entião é d'uma belleza e d'uma verdade esmagadoras!

A'vante senhor Christo, ávante !!

L. Malheiros.

SECÇÃO HISTORICA

D'OS «FRADES»

DE

JOÃO DE LEMOS

«Excerptos»

Todos tocaram com um acerto e harmonia que nos incantou, e todos rompemos em unánimes applauzos a estes pequenos selvagens de ha dois dias, de que a maior parte dos paes—negros e arabes—vive ainda talvez a vida errante do dezerto.

Quando o almoço acabou reuniram-se em circulo n'um largo em volta da bandeira azul ceeste da banda. Um dos monges regia a pequena orchestra, e nós junctamo-nos a elles para os admirar e observar de perto.

Eu estava tão impressionado com o imprevisto d'esta scena e com o talento d'estes homens de Deus para fazer d'estas pequenas feras uns homens como nós, que a custo podia reter as lagrimas!

Depois fomos vizitar as propriedades do convento que são enormes—mais de mil hectares!—, e a pequena banda desfilou em direcção ao convento, tocando uma marcha triumphante.

E' no convento que ha as maiores sementeiras e plantações da Argelia. Os frades fornecem toda a sorte de plantas e arvores exóticas a todo o paiz. As suas culturas são as mais esmeradas; tem grande plantação de vinha, pois só do bagaço das uvas elles fizeram este anno 200 hectolitros de boa aguardente, ou 40 pipas!

Ao almoço deram-nos a provar um vinho especial e diuissimo, que elles fazem de tangerinas. E' um vinho muito alcóico e d'um aroma delicadissimo, que toda a gente julgaria feito d'uvas brancas. Vão apresental-o pela primeira vez na proxima Exposição de Paris

Vimos osapparelhios para a distillação da flor de laranjeira, que elles produzem em grandes quantidades, e a repartição em que elles preparam as pelles de hyena, pantheras, chacaes, etc., com uma perfeição inexcédível.

Em somma, os frades produzem tudo: Laranja, tangerina, vinho, muito azeite, todos os cereaes necessarios, toda a sorte de legumes, arvores de ornamento e productivas, a lan para os seus habitos,—para o que tem centenas de carneiros—, a carne para consumo, tudo enfim!

E além d'isso espalham a instrucção, a religião, a actividade, a riqueza, as escolas, muitas léguas em roda do seu convento.

Acabam de bater as 4. é preciso mandar esta para o correio geral, e por isso termino aqui a narração—ainda que diminuta—das minhas impressões mais vivas e, sobretudo, mais consoladoras, para nós outros os catholicos.

Adeus, minha queri la mãe. Escreva-me para Constantina, e aceite o mais affectuoso abraço do seu filho, que lhe beija a mão:

Agostinho.

XLII.

Continúa.

ANNUNCIOS



CAPITAL 1.200.000\$000 REIS

Esta antiga Companhia effectua seguros contra fogo, sobre:

Predios, Fabricas, Estabelecimentos, Mobiliars, Animaes, Cortiça, Arvoredos, Cearas, etc.

Preços modicos

Agente em Figueiró dos Vinhos

José Manuel Godinho.

Julietta Monteiro

Executa com a maxima perfeição vestidos para senhoras e creanças. Garante o bom acabamento de todas as obras.

Largo do Conselheiro João Franco

Figueiró dos Vinhos

Annuncio

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direio da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do primeiro officio, correm editos de trinta dias citando Antonio Barreto da Silva, Manuel Barreto da Silva e Ircilio Barreto da Silva, de Pedrogam Grande, mas residentes em parte incerta, a fim de assistirem a todos os termos do inventario entre menores a que se procede por morte de seu pae João Fernandes Barreto, que foi de Pedrogam Grande, sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 9 de novembro de 1909.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Pereira e Solla.

O Escrivão

Joaquim F. de Campos Jardim.

Professor particular

Em vista do grande numero de crianças d'esta freguezia na idade de frequentar a escola, e sendo insufficiente um só professor para o ensino de tão avultado numero de alumnos, resolver o Sr. Eusebio Brazão abrir uma escola particular para crianças do sexo masculino na sua casa no Bairro Novo, que começará a funcionar no dia 2 do proximo mez de Novembro.

TRIPA NOVA

Acaba de chegar remessa de 2.000 massos.

Preços especiaes e nas melhores condições para revender.

CENTRO COMMERCIAL
Manuel Lopes Bruno
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VFNDE-SE

Uma boa propriedade—com agua—á beira da Estrada Nova, no sitio do Barreiro, ares d'esta villa.

Consta de cazas de habitação, um grande barracão, quintal murado com parreiras e arvores de fructo, vinha, oliveiras, matto, pinheiros, sobreiros, etc.

Esta propriedade é apenas cortada pela Estrada, e quaze se vê toda de caza.

Vende-se

Propriedade, composta de terra amanhada com agua de mina e poço, pomar e outras arvores, videiras e casas de sobrado e lojas, situada á Santarem, limite d'esta villa, a 20 metros desviada da estrada da Castanheira de Pera.

Quem pretender dirija-se a José Simões da Silva, d'esta mesma villa.

Terrenos de graça e para arrendar

Manuel Luiz Agria Junior, d'esta villa, offerece de graça terrenos para amanho, no seu predio nos Portelões.

Arrenda todo ou em glebas, o seu predio que possui nos Linhares.

Quem pretender queira dirigir-se ao seu proprietario.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE
SANTO ANTONIO DOS MILÁGRES
DE
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

AGUAS

DE
S. VICENTE
ENTRE OS RIOS

A nascente mais pujante e de mais elevada mineralisação da bacia hydrographica de Entre os Rios, possuindo o mais incontestavel documento da preferencia que lhe deram os Romanos.

Resultados surprehendedes nas affecções des órgãos respiratorios: Bronchites, laryngites, pharyngites etc.

Preço incluindo a garrafa
90 reis

Deposito—Pharmacia Serra

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

As Thermas e o Grande Hotel de S. Vicente estão abertos desde 30 de maio a 15 de outubro.

CENTRO COMMERCIAL

MANUEL LOPES BRUNO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTAÇÃO INVERNOSA

Para a presente estação, já esta acerediada casa recebeu e continua recebendo, grande variedade de artigos que vende a preços convidativos. Pois além dos novos tecidos que são o que ha de mais chic tanto em lã como em algodão, tem grande quantidade de diversos artigos em saldo que parece mesmo impossivel os seus diminutos preços porque se vendem.

Flanellas de algodão, côres lisas, sortimento monstro.—Ditas estampadas (o *bijou* da meda).—Ditas com borbote para saias.—Ditas escuras para uso.

Flanelletas, variedade, em padrões e preços.

Flanellas em saldo (100 peças) que eram de maior preço, metro 70, 75 e 90 reis.

Flanellas (phantasias) e setins, tudo pura lã no artigo mais distincto, metro 300, 600, 800 e 900 reis.

Flanellas de lã assetinadas, o mais chic para vestidos, metro 600 e 700 reis.

Casteletas enfiadas com boclé, metro 300 reis.

Patentes brancos e erms, para roupas de senhora e criança, qualidade superior, metro 120 e 140 reis. Ditos enfiados para lençoes.

Um saldo de 500 cobertores d'algodão, côres mescla, rosa, cinza e castanho, que eram de 1\$000 reis, vendem-se a 700 reis.

Sortimento completo em confecções para vestidos, do mais baixo ao mais fino.

O mais completo sortido em toalhas e guardanapos, de côr e branco, para meza, desde 10 reis.

Toalhas e toalhetes de sarja, crepe e felpudo, para rosto, em todos os preços, a começar em 70 reis.

Saldos de chita para dar logar aos novos tecidos a chegar.

Preços sem competencia e sempre ávante

A maxima lealdade preside a todas as transacções.

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relogios de meza e parede; relogios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relogios de bolso, boas marcas—Volcain Longines Civel Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruces, fios, alfinetes, aneis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relogios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

Alvaiade VEADO

A melhor marca que existe

A venda nas principaes Drogarias de Lisboa e Provincias.

Fabrica e escriptorio—Boqueirão dos Ferreiros, 16 e 17.

(à Boa Vista)

LISBOA

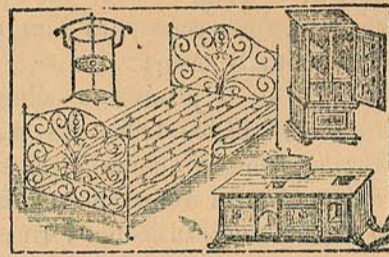
ATTENÇÃO!!

LOJA
DOS

QUATRO GLOBOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O proprietario **Benjamin A. Mendes**, participa a toda a sua clientela que devido ao grande sortido que fez para as occasiões da feira, resolveu fazer grandes abatimentos nos artigos abaixo mencionados e bem assim n'outros que aqui não annuncia.



Camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (à franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de sêda e de lã.—Ferro em barra e arco para vazilhame.—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para ronpa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bôa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda-se vir em acto continuo.

CARLOS LIBORIO Manteiga sem rival

COM

ESTABELECIMENTO

DE

Mercearia, quinquilherias, ferragens, drogaria, vidraça, petroleo, charruécós para lavou-
ra, enxofre, sulfato de cobre, cimento e muitos outros artigos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Encarrega-se do transporte de encomendas de Pombal, sendo-lhes enviadas as respectivas senhas do caminho de ferro, mediante pequena remuneração.

Manilhas de Miranda do Corvo, para encanamentos d'agua. Depositario n'esta villa

Carlos Liborio
Figueiró dos Vinhos.

Use o Fuminol
Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol» —que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—
Estarreja—Salreu

de
Macieira de Camara

E' depositaria a S.^a Maria da Conceição Almeida Henriques
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Latas de 1 kilo..... 840
Ditas de meio..... 420
Ditas de um quarto..... 210

Fica fornecendo pelo mesmo preço da fabrica.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO
Rua dos Douradores, 7—1.^o

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com quetrata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.